

DESPORTO, MULTICULTURALIDADE E EDUCAÇÃO: do desporto *na* Escola, para o Desporto *da* Escola*

Marco Paulo Stigger**

Neste artigo parte-se de uma breve abordagem histórica do fenómeno desportivo, considerando-o um fenómeno cultural que – tendo surgido num determinado contexto local – se difundiu por todo o mundo, constituindo-se aí uma dupla hegemonia: o desporto passou a ser uma expressão hegemónica no âmbito da cultura do movimento; também o desporto-espetáculo se constituiu hegemónico no contexto particular do desporto.

Tratando a expressão multiculturalidade do desporto por oposição à ideia de monocultura do desporto (esta última representada pelo desporto-espetáculo) tenta-se discutir as possibilidades de identificar formas alternativas de pensar e praticar o desporto.

Apresentam-se duas experiências (uma no âmbito do lazer e outra na realidade escolar), interpretando-as como possibilidades de se constituírem expressões de uma multiculturalidade no contexto cultural do desporto.

Introdução

Nos dias de hoje, não é difícil identificar inúmeras situações, em muitos lugares, que têm em comum o fato de estarem rela-

* Comunicação apresentada no *Encontro às 6 da Tarde*, promovido pela Associação dos Professores para Educação Intercultural e Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

** Professor de Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Brasil; Doutorando na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física/UP/Portugal; Bolsista Capes.

cionadas ao desporto e que seriam evidências suficientes para sustentar a afirmativa de que ele é um fenômeno sociocultural com cada vez mais visibilidade no mundo contemporâneo

Tanto um rápido olhar para o cotidiano, como também para um contexto social mais ampliado, permite ver todos os dias muitos exemplos desta evidência: inúmeras pessoas desenvolvem suas atividades desportivas nas ruas, nos parques, nas praias; muitas famílias organizam partes das suas vidas levando em conta os horários de televisionamento de jogos de futebol; é enorme o fluxo de dinheiro que circula por todo o mundo, relacionado ao desporto; grande número de empregos e inclusive de profissões são direta ou indiretamente vinculadas às competições desportivas; muitas *horas de antena* são destinadas à divulgação dos eventos desportivos, assim como uma quantidade enorme de páginas de jornais e de revistas são especializadas ou pelo menos têm grandes seções vinculadas ao desporto

Evidências da aceitação e da imagem positiva que o desporto tem transmitido, poderiam ser também identificadas pela sua grande utilização na veiculação de um sem-número de anúncios publicitários, assim como pelo sucesso nas votações, que não poucos políticos têm alcançado por se identificarem com determinados clubes desportivos populares.

Tal é a visibilidade que este fenômeno cultural alcançou, que não é difícil concordar com Bracht (1997: 11) que após o seu surgimento, o desporto «como que tomou de assalto o mundo da cultura corporal e do movimento e passou a ser sua expressão hegemônica». Esta afirmação encontrará sustentação nas posições de muitos historiadores do desporto, os quais afirmam que ele veio – com suas regras, modalidades, técnicas e organização difundidas de forma padronizada por todo o mundo – substituir o que outrora eram passatempos populares desenvolvidos apenas num nível localizado de determinados grupos sociais

Neste sentido e como forma de localizar esta reflexão dentro da temática que me foi solicitada – desporto e multiculturalidade –,

destaco já inicialmente que, quando falo de desporto, refiro-me a uma prática social praticada em todo o mundo; pratica esta que é realizada dentro de códigos e modalidades iguais em todo o mundo

Destas duas afirmações surge uma pergunta inicial, bastante instigadora: como falar sobre multiculturalidade no contexto de uma prática social disseminada por todo o mundo, com as mesmas regras, modalidades, com os mesmos códigos e com a mesma lógica? Como falar de multiculturalidade, se um dos fatores responsáveis pelo sucesso da disseminação do desporto é exatamente a sua padronização, fato que tem permitido encontros e competições desportivas entre indivíduos de qualquer parte do planeta? Como falar de multiculturalidade, quando o que vê-se – pelo menos a primeira vista – é uma monocultura no âmbito do desporto?

Este é o desafio que me trás aqui, ao qual pretendo inserir uma discussão relacionada à Educação Escolar, mais especificamente à Educação Física. Para ser mais específico ainda, pretendo trazer uma discussão relacionada ao desporto enquanto objeto de ensino da Educação Física

Nesta perspectiva, pretendo percorrer um caminho que irá da identificação do desporto como um elemento da chamada *cultura global* e neste sentido vinculado em muitos aspectos à idéia de homogeneidade, até pensá-lo como uma prática social que apresenta uma heterogeneidade, relacionada às diversas apropriações que podem existir por parte de seus praticantes, na medida em que é realizada dentro de contextos culturais localizados.

Num primeiro momento, pretendo desenvolver uma breve reflexão acerca da trajetória histórica do desporto, assim como sobre determinados aspectos que o caracterizam. Neste tópico ele será vinculado à discussão do processo da *globalização cultural*, sendo portanto inserido no contexto da dinâmica mundial de interrelacionamento entre fronteiras culturais. O desporto será

aqui identificado como uma *invenção local que globalizou-se*, assim como um *elemento da cultura global que localizou-se*.

No segundo momento, desenvolverei minha argumentação dando um sentido para a palavra multiculturalidade, considerando-a como a possibilidade de uma diversidade cultural do desporto, relacionada às diversas apropriações que dele podem fazer seus praticantes. Tentarei pensá-lo para além da sua versão hegemônica – o desporto praticado no âmbito oficial dos clubes e das federações, por muitos denominado *desporto espetáculo ou de rendimento*¹ –, como uma prática social que está inserida no tempo de lazer, apresentado aí – ou podendo apresentar – particularidades.

Posteriormente, desenvolverei meu esforço no sentido de defender a idéia da possibilidade – desejável – de uma transformação do desporto no contexto cultural da escola, vinculando-o a um processo de apropriação pedagógica. Neste ponto tentarei salientar a diferença entre o desporto *na* escola e o desporto *da* escola (Vago, 1996)

Desporto e multiculturalidade: um fenômeno local que *globalizou-se*, para um fenômeno global que *localizou-se*.

Tal é a relevância social que o desporto tem alcançado, que passou a ser alvo de atenção dos intelectuais e muitos esforços já têm sido feitos no sentido de compreendê-lo de diferentes pontos de vista. Mesmo que ele seja muitas vezes tratado como uma manifestação cultural que esteve presente nos tempos mais remotos da civilização, no âmbito da Sociologia do Desporto é quase consensual pensá-lo como uma «tradição inventada» (Hobsbawn, 1984) na Inglaterra, no final do século XIX². Os que

¹ Esta é uma forma adjetivada de tratar a temática, terminologia que mereceria ressalvas, mas que não poderei tratar aqui.

² É sobre o desporto na sua concepção *moderna* que trato neste texto.

analisam o desporto nesta perspectiva apontam para o fato de que é neste momento histórico que, o que outrora eram jogos e passatempos populares, naquele momento sofre transformações e efetivamente se difunde para todo o mundo de forma institucionalizada e com regras padronizadas (Elias e Dunning, 1992; Mandell, 1986; Guttman, 1978; Bourdieu, 1983b; entre outros).

Seu desenvolvimento é relacionado a aspectos do processo de industrialização e urbanização da sociedade moderna, assim como ao desenvolvimento do capitalismo. No que se refere a este último – o desenvolvimento do capitalismo –, esta relação se estabeleceria duplamente: por um lado o desporto teria se transformado numa mercadoria na forma do espetáculo e dos seus desdobramentos em diversos produtos e serviços; por outro, o desporto traria consigo aspectos da ideologia liberal, como a ênfase na competição e na meritocracia, vistas como valores importantes no que se refere à regulação da sociedade moderna³

Desta forma, os mesmos códigos e valores se concretizariam nos sentidos da *instituição desportiva*, os quais poderiam ser sintetizados da seguinte forma: ênfase na competição e na busca de resultados (vitória); regulação pelo princípio do rendimento desportivo e da produtividade corporal; regulamentação rígida expressas em regras oficiais; e organização burocrática. Como consequência destas, outras características aparecem: a comparação; a classificação (*record*, sua maior expressão); a seletividade; e – consequência disto – uma lógica excludente. *Grosso modo*, é assim que muitos autores caracterizam o chamado *desporto moderno*, como aquele que é difundido e praticado nos dias de hoje em todo o mundo dentro de *formatos* iguais ou bastante

³ Apesar das críticas de inspiração marxista formuladas ao desporto no que se refere às relações com a lógica do capitalismo, ele vem sendo praticado com os mesmos códigos e características também nos países do denominado socialismo real. Estes países – assim como os países capitalistas – desenvolveram e usaram o desporto com os mesmos códigos e para os mesmos objetivos de afirmação político-ideológica.

semelhantes (regras, gestos, modalidades), assim como dentro de uma mesma lógica

Pensando o desporto como ele foi apresentado acima, não é difícil identificar do que se está falando, assim como não faltariam exemplos de práticas concretas para caracterizá-lo. Se eu perguntasse quais as imagens que logo vêm à mente quando ouve-se a palavra desporto, acredito que eu encontraria respostas vinculadas aos desportos mais popularizados; aos *clubes desportivos do coração*; aos *ídolos desportivos* que se relacionam com determinadas identidades culturais; e aos eventos desportivos que têm grande visibilidade social

Muito provavelmente esta fácil identificação e localização dentro de um específico universo simbólico, se deva à difusão do desporto por todo o mundo via meios de comunicação de massa, o que ocorre de forma muito intensa e na especificidade dos grandes eventos e espetáculos desportivos. Poderíamos daí inferir que, para além do desporto ser uma prática social difundida por todo o mundo, ele é difundido dentro de uma determinada especificidade (o espetáculo desportivo) e vinculado a um determinado universo simbólico que o cerca e tende a reforçar a sua lógica, conforme foi apresentada anteriormente.

Para tentar compreender este processo, vou aqui abrir um parênteses para apresentar – de uma forma bastante sucinta – alguns aspectos do processo de globalização cultural em geral e da globalização do fenómeno desportivo

Desporto e globalização

A partir do que vem sendo apresentado, não é difícil inserir o desporto no contexto da *globalização* cultural, o que é para Giddens (1996:45), um processo de «intensificação das relações sociais de escala mundial, relações que ligam comunidades distantes de tal maneira que as ocorrências locais são moldadas por

acontecimentos que se dão a muitos quilômetros de distância, e vice-versa»

Esta temática tem sido alvo de muita discussão na sociologia e está relacionada a aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais que se entrelaçam de diversas formas. Apesar de eu estar ciente deste entrelaçamento e das dificuldades de tratar cada campo separadamente, neste texto vou buscar refletir apenas sobre o campo cultural, para posteriormente estabelecer uma relação com as questões relativas à inserção do desporto neste contexto.

Um dos debates vivos neste campo, está pautado sobre saber em que medida a globalização cultural significa um encaminhamento para uma padronização da cultura e a emergência de uma cultura mundializada e homogênea por todo o planeta. Esta discussão está bastante bem representada no livro «Cultura Global», organizado por Mike Featherstone (1990), no qual há a contribuição de diversos intelectuais. Com base nestes e em outros autores, Boaventura Sousa Santos (1995a; 1995b; 1997) oferece uma síntese bastante interessante e instrutiva para compreender este processo⁴

Para Santos, o processo e globalização – apesar de ser hierárquico e desigual no que se refere à capacidade de diferentes estados e grupos sociais imporem seus valores culturais, ao contrário de ser linear e evidente, é irregular e contraditório: é um processo dialético em que surgem simultaneamente novas formas de globalização, assim como diferentes expressões de localização. Desta forma, a globalização deveria ser sempre considerada no plural e na verdade como um conjunto de arenas e de lutas entre fronteiras culturais, nas quais participam 4 modos de produção de globalização: *2 de cima para baixo* («globalização

⁴ A temática da globalização, assim como os conceitos desenvolvidos pelo autor, estão apresentados nos três trabalhos – ora de forma repetida – ora de forma complementar – o que me leva a tratá-los como um conjunto.

hegemônica»), e 2 *de baixo para cima* («globalização contra-hegemônica»)⁵ Vou aqui tratar apenas de 3 destes processos, os quais se relacionam com o tema em pauta

Desporto e globalizações hegemônicas

Na perspectiva que vem sendo tratada, globalização hegemônica é um conjunto de processos hierárquicos em que determinadas culturas ou sistemas culturais se estabelecem frente aos outros e se colocam como detentores do estatuto de universalidade, o que aconteceria através de dois modos de produção de hegemonia: o «localismo globalizado» e o «globalismo localizado».

O primeiro modo de globalização hegemônica apresentado por Boaventura, o *localismo globalizado*, é um processo em que determinadas práticas e modos de vida – oriundos de um contexto culturais locais específicos – se difundem e passam a ser desenvolvidos por todo o planeta. Entre outros, como exemplos deste modo de globalização, o autor apresenta o caso evidente da transformação da língua inglesa em língua franca e a globalização do *fast food* americano. Poderia então ser dito que o desporto é outro bom exemplo de *localismo globalizado*, na medida em que, inventado pelos ingleses, ele adquiriu autonomia própria e hoje – ocupando de forma significativa o lugar do que antes eram passatempos populares localizados – é praticado em todo o mundo, vinculado a uma mesma lógica.

Mas o desporto poderia ser também visto como um *globalismo localizado*, o segundo modo de globalização hegemônica, de acordo com Boaventura de Souza Santos: um processo pelo qual as manifestações culturais globalizadas se localizariam,

⁵ Boaventura apresenta duas formas de «globalização contra-hegemônica» – «cosmopolitismo e o «patrimônio comum da humanidade». Vou tratar apenas do cosmopolitismo, por considerá-lo mais diretamente vinculado ao contexto em discussão

transformando as práticas culturais locais. Um dos exemplos citados pelo autor é a adequação e o aproveitamento turístico por que passam tesouros históricos e locais de cerimônias religiosas em diversos lugares, buscando formas de sobrevivência (fontes de renda) através da adaptação ao *padrão* desta área específica do mercado. No caso do desporto isto também ocorreria, na medida em que a sua lógica – agora globalizada – passa a interferir e transformar determinadas manifestações culturais locais, outrora não desportivas, em práticas *desportivizadas*. Exemplo disto é o esforço que muitos têm despendido no sentido de transformar a prática da *Capoeira* – uma dança-luta afro-brasileira – numa atividade a ser praticada com os mesmos códigos do desporto moderno. De mesma forma acontece com o desenvolvimento – já há algum tempo e inclusive com a realização de competições mundiais – do *Yoga Artístico Desportivo*, uma evidente desportivização de uma prática cultural oriental originalmente *não desportiva*⁶.

Desporto e globalização contra-hegemônica

Um outro modo de globalização que faz parte deste processo é o que Boaventura denomina de «cosmopolitismo». Esta forma de globalização ocorreria em oposição às formas de dominação cultural anteriormente apresentadas. Ela seria a articulação – em escala mundial – de grupos que se colocariam numa posição contra-hegemônica em defesa de interesses comuns. Entre os exemplos que o autor apresenta estão os movimentos transnacionais de direitos humanos e as redes de movimentos literários, artísticos e científicos que – encontrando-se na periferia do sistema mundial – estão em busca de valores culturais alternativos.

⁶ Não são poucos os argumentos no sentido de que o desenvolvimento e mesmo a sobrevivência de algumas práticas, estão dependentes da sua adaptação ao modelo desportivo.

No âmbito do que venho tratando, um exemplo de uma posição cosmopolita poderia ser encontrada na comunidade transnacional de intelectuais que estudam o desporto e que já há muito tempo debatem, analisam e refletem criticamente acerca deste fenômeno sociocultural. Comunidade esta, que – em muitos casos – propõe-se a desenvolver formas alternativas de praticar o desporto, tanto no âmbito da escola (através de um tratamento pedagógico), como no campo do lazer (por exemplo, a partir da busca de políticas desportivas alternativas)

Uma síntese parcial e a colocação de algumas questões

Identificadas estas questões, é importante esclarecer que não pretendo aqui tentar dar conta de como se estabelece e se resolve este confronto entre concepções hegemônicas e concepção contra-hegemônica no âmbito do desporto. Pretendo, sim, tratar de temáticas que vêm sendo discutidas no âmbito da Educação Física e que estão relacionadas ao tema desporto e multiculturalidade. Considerarei importante esta breve apresentação do processo de globalização do desporto, para buscar subsídios para uma reflexão sobre a temática que me foi proposta.

A partir do que foi até aqui apresentado, é possível considerar que no caso do desporto, se constituiu uma *dupla hegemonia cultural*. Tendo obtido historicamente grande visibilidade social através do modelo desporto-espetáculo, ele tem servido de duas maneiras como modelo para as manifestações vinculadas ao que alguns denominam de «cultura do movimento» (Kunz, 1994:21): no âmbito geral da cultura do movimento, o desporto se constituiu a sua expressão hegemônica, tomando o lugar e/ou transformando as demais práticas; e no contexto dos desportos em particular, o modelo *desporto-espetáculo* tem – em grande medida – sido a referência para as demais manifestações deste campo cultural.

É sobre este segundo ponto que direcionei esta discussão: a partir deste momento pretendo tratar apenas das questões referentes à hegemonia do modelo *desporto-espetáculo* no contexto particular do desporto. Minha preocupação aqui é desenvolver uma reflexão que se origina na identificação de que, tanto as práticas desportivas desenvolvidas no tempo livre, como as desenvolvidas no contexto escolar, muitas vezes acontecem seguindo a mesma lógica do desporto-espetáculo, lógica esta sustentada no binômio vitória-derrota. Esta preocupação é parte das discussões da Educação Física em vários países e vem se desenvolvendo já desde a década de 80 no Brasil. No meu país, isto se deu relacionado à abertura política que ocorreu neste período e foi resultado – em grande medida – da inserção de referências das ciências sociais nas discussões da área.

Numa breve síntese, poder-se-ia dizer que os autores estão preocupados com o fato de que a reprodução da lógica do desporto-espetáculo que muitas vezes ocorre no lazer e na escola, além de oferecer uma visão limitada e limitadora desta prática social, é uma forma de encaminhar os indivíduos para uma participação passiva no campo desportivo. Pela lógica seletiva identificada por estes autores, muitos indivíduos, incapazes de responder às exigências que lhes são impostas, são excluídos ou se auto-excluem desta prática, constituindo-se muitas vezes meros consumidores do desporto. Esta análise crítica também considera que o desporto sustenta e reforça desigualdades na medida em que se baseia em valores meritocráticos.

Buscando soluções para estas questões, uma pergunta persiste: em que medida é possível pensar em outras formas de pensar e praticar o desporto, para além daquela que é apresentada como pronta e acabada, veiculada de forma homogênea (para alguns também homogenizadora) pelos grandes agentes de difusão cultural, os meios de comunicação de massa? No contexto do que venho desenvolvendo até agora e dentro da temática em pauta, formulo então a pergunta de outra maneira:

é possível pensar em multiculturalidade no âmbito do desporto?

Fica evidente aqui o sentido que estou dando para esta expressão: multiculturalidade do desporto, vista como a possibilidade de uma diversidade cultural no âmbito desta prática social, em oposição à monocultura do desporto, esta representada pelo desporto-espetáculo, que nos é apresentado *como se fosse o único*

Uma tentativa de resposta – uma experiência no campo do lazer

Tentando responder a esta pergunta, vou apresentar agora os resultados de uma investigação por mim realizada no Brasil há pouco tempo atrás e que teve o objetivo de discutir questões referentes ao desporto de lazer – no caso o futebol (Stigger, 1997)⁷ O trabalho não estava ligado diretamente às questões postas anteriormente, mas acredito que seus resultados nos ajudarão a pensar e encontrar algumas respostas provisórias.

Estarei então me utilizando dos resultados obtidos naquela investigação, mas agora tentarei trazer algumas pistas para pensar em que medida o processo de globalização hegemônica do desporto permite espaços para uma heterogeneidade no contexto desta prática. Tentarei aqui apresentar alguns subsídios para responder a seguinte pergunta: *em que medida o desporto – apesar de existir sob uma forma hegemonicamente difundida na sociedade – pode apresentar diferentes significados para diferentes indivíduos e grupos sociais, quando o desenvolvem como uma prática do lazer?*

Passo então a apresentar os resultados de um trabalho por

⁷ Apresentarei a seguir uma síntese do trabalho, face a dificuldade de encontrar o original em Portugal

mim realizado na cidade de Porto Alegre, no Brasil, onde foram investigados 2 grupos de *veteranos de futebol*⁸. A partir das representações do futebol que estes grupos praticavam e tentando interpretá-lo como um elemento da cultura, foram tecidas reflexões acerca da inserção do desporto no cotidiano da cidade e no modo de vida daquela população urbana. Durante aproximados 6 meses, foi desenvolvida uma investigação de caráter etnográfico⁹ buscando compreender as características e representações do universo dos veteranos em geral e identificar as apropriações/representações do futebol praticado por cada grupo em particular¹⁰.

Após a interpretação dos dados obtidos, ficou evidente que vários eram os caminhos pelos quais se estabeleciam os laços de relações entre os participantes e que os levava a frequentar um grupo («o grupo tem que te aceitar e tu tem que aceitar o grupo»), mas acima de tudo o que os aproximava era o *gosto* pelo desporto em geral e pelo futebol em particular. Apesar deste e de outros aspectos que os tornava semelhantes, apareceram também as diferenças, expressas nas expectativas que cada um tinha naquela prática, o que está relacionado aos diferentes significados que os grupos investigados, nas suas escolhas, deram ao futebol.

Neste sentido, caso os grupos tivessem sido observados por um olhar focalizado para o que têm em comum, poderia ser dito apenas que *praticavam futebol*. Mas voltando o olhar para as diferenças e observando-se também o que acontecia *fora do campo*, identificou-se outros aspectos que foram capazes de enri-

⁸ O universo dos *veteranos de futebol* em Porto Alegre é constituído por grupos de homens de idade avançada (em média entre 40 e 50 anos) que praticam futebol aos finais de semana. Destes, foram investigados: o «Grupo da Redenção» e o «Grupo Ararigbóia», em referência aos dois espaços públicos em que realizavam as suas práticas: respectivamente, o Parque da Redenção e o Parque Ararigbóia.

⁹ Observação participante e entrevistas.

¹⁰ No trabalho também busquei identificar em que medida algumas interpretações do desporto presentes nos discursos circulantes da Educação Física Brasileira dão conta deste tipo de prática social.

quecer a compreensão de como se inseria o desporto no modo de vida daqueles homens

O grupo da Redenção, nos seus jogos de âmbito interno¹¹, utilizava regras e dinâmicas no sentido de garantir o acesso a todos e a manutenção do grupo, buscando uma prática de futebol controlada no que se refere ao nível das disputas. O grupo Ararigbóia, nos jogos sempre realizados contra outros grupos, enfatizava a competição, visando os resultados, o que levava muitas vezes a situações de violência¹².

Entre os veteranos da Redenção o comparecimento aos jogos acontecia de forma espontânea, já que cada um podia jogar mais ou menos tempo dependendo principalmente do horário em que chegasse ao campo¹³; desta forma, a participação naquele grupo estava ligada a uma centralidade lúdica que se sobrepunha à seriedade do mundo do trabalho. De outra maneira, as regras e dinâmicas do grupo Ararigbóia davam à atividade um caráter de seriedade encontrado no mundo do trabalho, sendo que o comparecimento em horários era assumido como um compromisso¹⁴.

As avaliações técnico-desportivas eram uma forma de encontrar o equilíbrio nos jogos no grupo da Redenção, tornando-os interessantes por um nível *ótimo* de disputa almejado, mas sem serem fator de inclusão ou exclusão naquele contexto¹⁵. Já entre os veteranos do Ararigbóia, a aceitação era condicionada ao ren-

¹¹ Um grupo composto por aproximadamente 40 sujeitos, que pratica o futebol em jogos apenas *entre si*.

¹² Em algumas situações a violência (explícita) se constituía um *valor* e sinal de masculinidade.

¹³ Conforme os participantes chegavam, formavam-se as equipes, sendo que todos que compareciam tinham o direito de jogar.

¹⁴ O horário rígido de chegada e a exigência da presença em todos os jogos, era uma imposição do grupo. Rybezynski (1991) analisa o grau de seriedade em alguns desportos de rua de hoje, vendo-o como um fator que desvirtuaria a idéia de liberdade do lazer, aproximando-o do mundo do trabalho.

¹⁵ A «Teoria multidisciplinar das emoções» (Elias e Dunning, 1992) ajuda a compreender esta forma de prática desportiva.

dimento desportivo do candidato, o qual determinava também – e numa perspectiva hierarquizada –, a sua participação como jogador *titular* ou *reserva* na equipe¹⁶

No que se refere à relação com os espaços públicos que frequentavam, o grupo Redenção não apresentava uma relação de pertencimento que chamasse a atenção, enquanto o grupo Ararigbóia se constituía uma *marca* significativa daquele local¹⁷.

Em síntese, apesar de que os dois grupos praticavam o futebol por sua escolha e no seu tempo livre, no grupo Redenção um sentimento de *jogar-por-jogar* estava implícito na ausência de qualquer outro mais significativo que poderia ter sido observado: é o que Elias e Dunning (1992) denominam de um «*ethos* amador» cuja característica principal é a prática do desporto por divertimento, dirigida para si próprio ou *egocêntrica*, vinculada principalmente à busca do prazer. Já os veteranos do Ararigbóia praticavam um futebol com maior orientação para os resultados, forma de participação dirigida para os outros, seus adversários. A participação em campeonatos¹⁸ era uma escolha relacionada com identidade e prestígio, o que ressaltava um forte sentimento de pertencer, mas também atuava contra um prazer imediato, levando à sua substituição por objetivos a longo prazo (*idem*)

Acredito que os resultados desta breve investigação permitem fazer algumas inferências: primeiramente, identifico que aqui foram demonstradas duas diferentes formas de praticar o desporto futebol, a partir da maneira com que cada grupo social apropriou-se desta prática; poderia também ser dito que o grupo

¹⁶ Neste caso, o «capital cultural» (no sentido que a expressão tem em Bourdieu) que cada um trazia para a prática do desporto, determinava a sua posição no grupo

¹⁷ A denominação Grupo da Redenção, por mim utilizada no trabalho, não surgiu do campo, sendo apenas uma referência ao local onde frequentam. No caso do Grupo Ararigbóia ocorreu de forma diferente: eles denominam-se e afirmam pertencer ao «Veterano do Ararigbóia», o que – em vista da tradição – tinha (e tem) um grande valor simbólico no contexto do futebol de várzea de Porto Alegre

¹⁸ Quando a investigação foi desenvolvida, o grupo participava de um campeonato municipal de veteranos

Ararigbóia demonstrou praticar um futebol bastante semelhante ao praticado na sua forma oficial, o que pode ser interpretado como uma prática reprodutora; por outro lado, o grupo Redenção, mesmo inspirando-se no *futebol oficial*, recriou-o, adaptando-o a seus interesses e valores culturais. Em síntese, estes resultados podem ser interpretados como uma forma de multiculturalidade neste campo.

Uma tentativa de resposta na realidade escolar: desporto *na* escola X desporto *da* escola

Tentando ainda responder a mesma pergunta (vale lembrar: é possível pensar em multiculturalidade no âmbito do desporto?) vou analisar agora a inserção do desporto no contexto cultural da escola.

Um ponto de partida para pensar o papel da escola no que se refere ao desporto, é reconhecer a sua evidência e importância social e por este motivo considerar que ela não pode ficar alheia a esta prática cultural da sociedade moderna. De fato, não é difícil identificar que, tendo se constituído prática hegemônica no contexto da cultura do movimento, o desporto passou a ter grande influência na Educação Física, ao ponto de neste momento ser talvez seu principal conteúdo de ensino.

Isto nos leva a considerar que a escola é um, entre muitos espaços em que o desporto é praticado na sociedade em que vivemos, mas que também é ela que tem um papel especial: transmitir esta prática social para as gerações futuras, com ajuda de especialistas, os professores de Educação Física. Neste sentido, a Educação Física é uma prática pedagógica que no âmbito escolar, tem o papel de tematizar – entre outros conteúdos – esta forma particular de atividade da cultura.

Preocupados com este papel, no seio da comunidade da Educação Física Brasileira (falo desta por me sentir mais familiari-

zado) têm sido geradas inúmeras discussões e publicações vinculadas ao tratamento que deve ser dado ao desporto no contexto escolar. Alguns estudos identificam que na escola o desporto tem sido tratado por muitos professores com a mesma lógica com que é praticado no contexto mais amplo da sociedade; conscientes ou não, estes profissionais têm reproduzido os códigos e valores do desporto-espetáculo, visualizando a escola como mera transmissores dos valores culturais da sociedade onde está inserida.

Outros preocupam-se em analisar criticamente o desporto-espetáculo e identificar suas contradições, mas não conseguem ir além da denúncia. Vinculados a um «pessimismo teórico» (Kunz, 1994: 6), mesmo criticando o desporto hegemônico, estes têm tido dificuldade em admitir a possibilidade de lhe ser dado um tratamento pedagógico no contexto escolar, considerando muito difícil enfrentar o poder superior de outros agentes de difusão cultural (por exemplo, os meios de comunicação de massa). Alguns discursos têm chegado ao exagero (eu diria mesmo ao absurdo) de propor a retirada do desporto das aulas de Educação Física.

Numa perspectiva diferenciada da anterior, os que se mobilizam por um «otimismo prático» (idem), visualizam a escola como *produtora de cultura* e têm tentado encontrar soluções no sentido de – no contexto escolar – transformar este desporto em uma prática acessível a todos, retirando-lhe (ou lhes dando menor centralidade) os já referidos componentes responsáveis pela sua lógica excludente e limitadora. A preocupação destes é de encontrar ações pedagógicas capazes de – a partir de práticas alternativas – produzir um conhecimento significativo sobre o desporto, que vá além da sua prática vista como um fim em si mesma.

Acredito que em linhas gerais esta é uma descrição que não se afasta muito da discussão presente na realidade da Educação Física em geral, o que – provavelmente – está relacionado à formação do professor de Educação Física, este que tem alguma dificuldade de se afastar do paradigma desportivo técnico-biológico.

Num esforço para encontrar alternativas a esta situação, Molina (1995)¹⁹ desenvolveu uma atividade interessante com estudantes universitários de Educação Física, que acredito, poderia ter sido igualmente realizada na escola. Passo então a relatar uma síntese dos resultados encontrados e publicados, os quais pretendo comentar a seguir, inserindo-os na discussão que venho desenvolvendo.

O professor Molina é professor de futebol na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Brasil e portanto conhecedor da problemática apresentada sinteticamente acima. Sua preocupação era de «adequar o ensino do futebol aos interesses de uma educação emancipadora», que o conduziu a tentar enfrentar – na prática – estratégias de reprodução sistemáticas, propondo uma «alternativa simples às propostas tradicionais de ensino da educação física» (: 31).

Após ter realizado uma análise crítica acerca de como é normalmente desenvolvido o plano de curso do ensino do futebol em algumas escolas de Educação Física, o autor concluiu que, tanto os fundamentos da técnicos do futebol, quanto formas coletivas de jogo (regras e sistemas táticos) eram apresentados *prontos* aos alunos. Frequentemente os exercícios práticos eram executados principalmente por estudantes mais habilidosos, os quais recebiam maior atenção do professor; enquanto estes alunos desenvolviam as atividades práticas, o professor assumia o papel de árbitro ou orientador das ações técnicas e táticas. Os estudantes aprendiam ainda a planificar e periodizar o treino físico de uma equipe e – em algumas situações – tinham a oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos nas aulas, ensinando o futebol a crianças e jovens da rede pública de ensino (o que faziam da mesma forma com que haviam aprendido).

¹⁹ Apresentarei a seguir uma síntese do trabalho, face a dificuldade de encontrar o original em Portugal.

Molina criticou este modelo por considerá-lo limitado, tendo em vista sustentar-se no modelo técnico-biológico do desporto. Para o autor, esta forma de ensino do futebol era excludente; reforçava a idéia de que futebol é jogo para homens; sustentava-se na desigualdade; e encaminhava para fortes possibilidades de reprodução.

Tentando ir além da denúncia, o professor anunciou o que denominou uma «intervenção otimizadora», desenvolvida em quatro etapas. O primeiro bloco teve como ponto de partida sistematizar o conhecimento que todos tinham do tema, buscando contextualizar o futebol e inseri-lo na realidade histórica brasileira. No segundo, o objetivo foi relacionar o modelo tradicional de futebol com uma série de alternativas existentes e realizadas por diferentes grupos de pessoas. Após esta etapa, foi desenvolvida a *problematização*, desencadeada pela realização de um jogo de futebol na sua forma tradicional, o qual criou diversas situações de conflito²⁰. Foram estes conflitos que levaram o professor e os estudantes a tentar responder à seguinte pergunta: *como os alunos e alunas poderiam jogar futebol juntos e de forma agradável, na qual todos tivessem as mesmas oportunidades de uma aprendizagem significativa deste conteúdo de ensino?*

Esta questão foi colocada em debate e dali em diante iniciou-se um processo de discussão, onde destacaram-se vários aspectos a serem desenvolvidos, ocasião em que o professor adotou uma posição de mediador e estimulador das reflexões. A partir disto foram construídas coletivamente regras capazes de garantir a participação de todos nos jogos, assim como foram encontradas formas de aprendizagem e exercícios mais adequados ao grupo de alunos. O grupo também estabeleceu os critérios e a

²⁰ Alguns alunos eram habilidosos, mas também individualistas ou desenvolviam o jogo apenas entre si; outros se envolviam excessivamente no jogo e exageravam nos gestos e nas palavras; algumas alunas, insatisfeitas, retiravam-se do jogo.

responsabilidade de cada um processo de formação das equipes e ainda debateu temas genéricos relacionados ao desporto. Tudo isto contribuiu para que, no momento da realização do jogo coletivo, já houvesse regras acordadas e também uma relativa segurança no que se refere às habilidades básicas de cada um para praticar o jogo.

Ao final do trabalho, o professor Molina identificou uma mudança de comportamento em relação às possibilidades educacionais do ensino do futebol e das expectativas que os alunos tinham da disciplina. Ele observou ainda uma forte coesão no grupo; o aumento do nível de participação nas aulas; um elevado espírito crítico em relação ao trabalho desenvolvido; e o desenvolvimento de uma competência lingüística em relação ao futebol. É importante destacar que o professor Molina desenvolveu este trabalho com estudantes de Educação Física (contexto do Ensino Superior), o que não inviabiliza – guardadas as devidas proporções – pensar nesta forma de tratar o desporto, transferindo-a para a realidade escolar.

Neste sentido, penso que neste trabalho foi desenvolvida uma forma alternativa de pensar e praticar o desporto, no caso o futebol. Ao intervir desta forma, o professor – através de situações de conflito – produziu «imagens desestabilizadoras» (Santos, 1996: 30) da cultura hegemônica do desporto de várias maneiras: ele não satisfez-se com o paradigma técnico-biológico que sustenta em grande medida a cultura do desporto-espetáculo; colocou *num mesmo plano* pessoas com evidentes diferenças no que se refere ao tradicional *produzir algo* num jogo de futebol; não satisfez-se com a idéia de que *saber desporto* reduz-se a uma competência prática, mas foi além dela, no sentido da busca da compreensão de outros aspectos relacionados; rompeu com o modelo cultural dominante que encaminha para a idéia de que *futebol é para homem*; tratou com *menor centralidade* a competição e a busca do resultado desportivo, características do desporto moderno que na aula de Educação Física reforça desigual-

dades, assim como tende a encaminhar muitos alunos para a exclusão do mundo do desporto

Em outras palavras, acredito que poderia ser dito que Molina propôs uma forma de multiculturalismo no âmbito do desporto. Poderia também ser dito que ele mostrou a possibilidade concreta de pensar a diferença entre levar o desporto hegemônico para dentro da escola (o desporto *na* escola) e desenvolver uma forma de apropriação pedagógica do desporto, vinculando-o ao contexto escolar (o desporto *da* escola)

Conclusão

Tentei neste trabalho apresentar algumas interpretações sobre o tema que me foi solicitado: «Desporto e Multiculturalidade».

Parti de uma breve abordagem histórica do fenómeno desportivo, a qual me levou a considerar que ele é um fenómeno cultural que – tendo surgido num determinado contexto local – se difundiu por todo o mundo, constituindo-se aí uma dupla hegemonia: o desporto passou a ser uma expressão hegemónica no âmbito da cultura do movimento e também o desporto-espectáculo constituiu-se hegemónico no contexto particular do desporto.

Tratando a expressão multiculturalidade do desporto por oposição à ideia de monocultura do desporto (esta última representada pelo desporto-espectáculo) tentei responder se é possível identificar formas alternativas de pensar e praticar o desporto

Apresentei duas experiências (uma no âmbito do lazer e outra na realidade escolar), e interpretei-as como possibilidade de serem expressões de uma multiculturalidade no contexto cultural do desporto.

Espero ter trazido algum material para que a partir de agora se possa problematizar este tema e trocar algumas ideias

Correspondência Marco Paulo Stigger, Rua 36, nº 1001 – 1º dto, 4500 Espinho.

Referências Bibliográficas

- BRACHI, Valter (1997) *Sociologia Crítica do Esporte uma introdução* Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos
- BOURDIEU, Pierre (1983a) 'Gostos de Classe e Estilos de Vida', in Renato Ortiz, (org) *Bourdieu* São Paulo: Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais.
- BOURDIEU, Pierre (1983b) 'Como é possível ser esportivo?', *Questões de Sociologia* Rio de Janeiro: Marco Zero
- BOURDIEU, Pierre (1990) 'Programa para uma Sociologia do Esporte', in Pierre Bourdieu *Coisas Ditas*, São Paulo: Brasiliense
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric (1992) *A Busca da Excitação*, Lisboa: Difel
- FAETHERSTONE, Mike (1994) (org) *Cultura Global – Nacionalismo, globalização e modernidade* Petrópolis: Vozes
- GIDDENS, Anthony (1996) *As Consequências da Modernidade* Oeiras: Celta Editora
- GUTTMANN, Allen (1978) *From Ritual to Record – the nature of modern sports*. Nova Iorque: Columbia University Press
- HOBBSAWN, Eric (1984) 'A Produção em Massa das Tradições: Europa, 1870 a 1914', in Eric Hobsbawn e Terence Ranger (org) *A Invenção da Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- KUNZ, Elenor (1994) *Transformação Didática do Desporto*, Ijuí: Editora Unijuí
- MANDELL, R D (1986) *História Cultural del Deporte*, Barcelona: Edicions Bellaterra
- MOLINA, Vicente (1995) 'Uma experiência de ensino de futebol no currículo de licenciatura em Educação Física', in *Movimento*, Porto Alegre: Escola de Educação Física/UFRGS, nº 2, 29-37
- SANTOS, Boaventura Sousa (1995a) *A Construção Multicultural da Igualdade e da Diferença*, Palestra proferida no VII Congresso Brasileiro de Sociologia, Rio de Janeiro, 04 a 06 setembro.
- SANTOS, Boaventura Sousa (1995b) *Toward a New Common Sense, Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition*, Londres: Routledge (tradução do capítulo 4 para o português em texto policopiado)
- SANTOS, Boaventura Sousa (1997) *Por uma concepção Multicultural de Direitos Humanos*, texto policopiado
- SANTOS, Boaventura Sousa (1996) 'Para uma pedagogia do conflito', in: L. SILVA, J AZEVEDO, e E SANTOS *Novos Mapas Culturais – Novas Perspectivas Educacionais*, Porto Alegre: Sulina
- SIIGGER, Marco Paulo (1997) 'Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o desporto no cotidiano urbano', *Movimento*, Porto Alegre: Escola de Educação Física/UFRGS, 7, 52-66